

ENTRE GRAFITES E ARTE DE RUA: SUBJETIVIDADES PRODUZIDAS NO CENÁRIO EDUCACIONAL

Interculturalidade e Diversidade nas Ações Educacionais

Rosenara da Silva Soares Maia¹

Letícia da Silva Ravello²

Marilda Oliveira de Oliveira³

RESUMO

Nesta pesquisa abordamos a arte de rua e o grafite articulado entre as artes visuais e as visualidades produzidas no âmbito educativo. A questão principal que move esta escrita tem como objeto inicial, pensar de que maneira a temática abordada, arte de rua, pode servir como elemento processual para as aulas de artes visuais, promovendo problematizações em relação ao espaço em que vivem, as paisagens urbanas e os processos de subjetivação. Portanto, buscamos compreender através de uma pesquisa narrativa, como a temática abordada, pode proporcionar aos estudantes, um posicionamento sobre seus relacionamentos interpessoais e com isso, trabalhar maneiras plásticas de expressar atravessamentos que acontecem nesses processos de subjetivação. Sendo assim, o embasamento teórico-metodológico está amparado nos teóricos Félix Guattari (2000) e Michel Foucault (1985), e ainda dialogando com artistas de rua, como Kripta, Alexandre Orion, Urb, ZN, Banksy e os Gêmeos.

Palavras-chave: Processos de subjetivação; arte de rua; artes visuais.

INTRODUÇÃO

No segundo semestre de 2015 no subprojeto PIBID- Artes Visuais UFSM, foi proposto trabalhar com duas inserções em escolas públicas de Santa Maria/RS, onde poderíamos fazer trocas entre os grupos, sendo estabelecido que cada grupo deveria realizar um mínimo de 4 encontros com cada turma escolhida. Optamos por realizar essa troca, tanto de escola quanto em relação ao grupo, para permitirmos fazermos outras trocas e vivências nesse meio. Pensamos em promover a arte de rua e o grafite, como temática principal do nosso projeto de pesquisa e ensino. Incitando os estudantes a pensarem sobre a Lei nacional nº 9.605/98, que diz: “Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências”. E ainda a Lei complementar municipal N° 034, de 29 de dezembro de 2005, da preservação da

¹Mestranda, UFSM e rssmaia@hotmail.com

²Graduada, UFSM e leticiaaravello@hotmail.com

³Doutora, UFSM e marildaoliveira27@gmail.com



paisagem urbana. Esta lei trata na Subseção IV, no Art. 18, da política de proteção do patrimônio e da paisagem urbana que prevê e assegura ao município o cuidado e a garantia ao direito de fruição da paisagem, bem como a qualidade ambiental do espaço público. Embasados nisto, houve essa relação direta com ações de grupos de grafiteiros e pichadores que se manifestavam nas paisagens urbanas da cidade. Neste sentido foi criada uma ação que se nomeou por cidade limpa, onde policiais civis investigaram diferentes cidadãos que produziam essas grafias, tornando pública a apreensão dos sujeitos e dos materiais que comprovassem tal envolvimento. Nossa escolha por esta abordagem se deu por percebermos que esse tema: arte de rua, está próximo ao cotidiano dos estudantes, e por ser um tema instigante e atual devido a lei que se implementava na cidade. Com isso, possibilitou pensarmos nos processos de subjetivação dos discentes, a partir da temática abordada. Nossa proposta de inserção em uma turma de ensino fundamental, anos finais, de uma escola da rede pública estadual situada na cidade de Santa Maria, foi tratarmos sobre arte de rua, por acreditarmos na possibilidade de ser um elemento para pensarmos sobre o processo de subjetivação discente, pois o tema está próximo ao cotidiano dos estudantes e desta forma possibilitaria produzir campo de interesse e interlocuções.

A temática nos auxiliaria no propósito que nos é pertinente, pois acreditamos na necessidade de termos essa aproximação para com os estudantes e para nossa futura inserção nas escolas enquanto profissionais de arte. Este seria um viés interessante e potencializador para promover diferentes problematizações em nossas práticas. Nosso objetivo se alicerçou na tentativa de compreender o posicionamento dos estudantes, como ocorrem os processos de subjetivação, ou seja, como eles se produzem sujeitos, escolhem suas tribos, se posicionam frente ao mundo. A partir das teorizações de Michel Foucault (1985), onde ressalta os modos de subjetivação que envolvem fundamentalmente a produção de efeitos sobre si mesmo, propondo aos estudantes debate sobre seus relacionamentos interpessoais e com isso, trabalhar maneiras plásticas de expressar atravessamentos e agenciamentos que acontecem nesses processos de subjetivação. Para que realizássemos essas ideias criamos uma pergunta que



balizou nossos encontros e conversas, onde questionamos de que modo, a temática abordada: arte de rua, pode servir como elemento processual para as aulas de artes visuais?

A partir deste viés fomos produzindo nossos encontros, diálogos e trabalhos manuais, ancorados noutros Félix Guattari (2000), Michel Foucault (1985), e ainda trazendo artistas de rua, como Kripta, Alexandre Orion, Urb, ZN, Banksy e os Gêmeos.

Arte de Rua: ruído, poluição visual ou manifestação cultural?

A temática abordada, cuja importância nas aulas de artes visuais era estabelecer relações com o espaço onde vivem, as paisagens urbanas e os processos de subjetivação, e desenvolver novas linguagens e diferentes possibilidades para trabalhar com essas visualidades no cenário educacional. Tendo como objetivo procurar saber o posicionamento dos estudantes, sobre como ocorrem os processos de subjetivação. Além disso, movimentar diálogos junto aos estudantes, a fim de problematizar acerca de seus relacionamentos interpessoais, trabalhando maneiras plásticas de expressar atravessamentos que acontecem nesses processos de subjetivação. Os encontros realizaram-se na Escola Estadual Professora Margarida Lopes, na turma do 7º ano do ensino fundamental, contamos com dois períodos de 50 minutos, no turno da tarde. Ocorreram de forma dialógica entre vídeos e documentários sobre arte de rua, reportagens do cenário municipal, apresentação e problematizações de imagens de artistas que fazem uso da arte de rua como linguagem. As quais foram discutidas, analisadas e auxiliaram na produção das narrativas visuais criadas pelos estudantes.

A relação que propomos acerca da arte de rua para com a lei municipal e a ação policial Cidade Limpa, foi possível a partir da associação de dados históricos, culturais, e sociais para os diferentes enfrentamentos de tal problema. Pensamos no início do grafite, e no modo em que este se estabeleceu nas práticas sociais, primeiramente ilegal, sem autorização, apropriando-se de espaços públicos. E após



angariar espaço, ser reconhecido como umas das inúmeras possibilidades artísticas que compõem muitos museus, galerias e espaços artísticos, mas principalmente a paisagem urbana. A arte de rua, ocupa um grande espaço no cenário de muitas cidades, em espaços públicos e de comum acesso a todos. Esses pixos e grafites são baseados em assinaturas, de origem norte-americana. A relação poderia ser aproximada da arte rupestre, a primeira linguagem artística já se baseava nessa forma de expressão, em registro., em que promovia deixar sua marca. O homem pré-histórico se expressava artística e simbolicamente através dos desenhos que fazia nas paredes de suas cavernas. Suas pinturas e desenhos, representavam o período em que viviam, além de cenas de seu cotidiano. O grafite e a pichação, possivelmente sejam a maior manifestação artística que existe atualmente, Tanto os pixos quanto os grafites, compõe o cenário urbano das nossas cidades, que é reflexo da sociedade atual, em uma proposta de cunho político, crítica, posicionamento, muitas vezes questionador. Na nossa cidade, o grafite e a pichação são tidos ainda como ruído, poluição visual, mas também como manifestação cultural, que é forma de expressão pujante em subjetividades, retrato de uma sociedade.

Incitando os estudantes a pensarem sobre o Art. 65 da lei nacional nº 9.605/98, e a lei complementar municipal Nº 34, do ano de 2005, em relação à preservação da paisagem urbana, que instigou a operação cidade limpa, por ser estabelecido por parte das autoridades policiais e no consenso social a relação entre esses cidadãos e os crimes produzidos nas diferentes áreas da cidade. Neste sentido fomos trabalhando diversas propostas acerca de produções de conhecimento acerca da arte, passamos por estudos de técnicas artísticas, linguagens da arte contemporânea, história da arte primitiva, enfim perpassamos diferentes conteúdos citados nos Parâmetros Nacionais Curriculares Arte (PCN).

Fomos lançando problematizações e a cada encontro tratamos de técnicas diferentes, usamos dinâmicas diversas para que os estudantes pudessem eleger um tema que estivesse próximo a eles e desta forma desenvolvêssemos as manualidades pensadas nos planos de aulas. Durante essas escolhas fomos indagando, problematizando para percebermos as tramas nas quais os sujeitos



estavam envolvidos. Mantemos cuidado em não nos desviarmos da problematização, pois concordamos com Michel Foucault (1984) onde ele discorre sobre a diferença entre polêmica e problematização. O autor diz que ao criarmos ou permitirmos a polêmica perdemos a possibilidade de produção, os sujeitos não conseguem criar novas ideias, ficam sempre na mesma. (FOUCAULT, p. 2).

Em um primeiro momento, para a realização desta prática manual usamos os processos de subjetivação decorrentes do cotidiano dos estudantes a fim de tentar possibilitar que a temática atravessasse os processos artísticos, potencializando a produção e a linguagem do lambe-lambe, *stêncil*, *stickart*, que fazem parte do que é denominado arte de rua. Pois a atividade de rua, o lambe, serviria como proposta fomentadora das subjetividades e dos processos de subjetivação dos estudantes. Com isso, este tear artístico cooperou para produzir formas, capazes de potencializar as atividades nos encontros.

Os encontros foram sendo produzidos de forma cautelosa, pois houve um distanciamento a partir do segundo encontro, os estudantes não se sentiam capazes de produzir esses elementos tidos como atividades de rua. Optamos pela via de usar autonomia, e como sabe-se os sujeitos nem sempre estão aptos a estas relações. Sendo assim, pensamos estratégias e dinâmicas diferenciadas, a fim de captar a atenção e principalmente o envolvimento deles para com os encontros e produções. Fomos construindo os temas junto deles, partindo de ideias e conceitos retirados de suas falas, enfim daquilo que nos pareceu de seus interesses. E assim, fomos produzindo o *stêncil*, trabalhando com a técnica, conversando, alguns permitiram-se o trabalho em duplas, outros preferiram o trabalho individual e respeitando a singularidade de cada um.

O que nos incitou a pensar o ensino e aprendizagem da arte, a partir de um movimento, promovendo como criação e/ou invenção como ação dessa prática, baseada em uma aprendizagem inventiva promovida por VírginaKastrup (2001), como ela explana “A arte surge como um modo de exposição do problema do aprender” (p. 19). Onde essa aprendizagem ocorre nos encontros com signos, que disparam diferentes movimentos e forçam o pensamento. Somos produzidos por



meio de experiências e forças exteriores, que nos afetam ou não, e que por sua vez tomamos como discursos.

Segundo Marilda Oliveira de Oliveira (2009, p.3) “o que nos interessa são os intervalos, interstícios, é o que está entre os discursos ou o que esta obra/imagem pode lançar, as formas de subjetividade que esta obra/imagem gera”. E esses discursos mostram como vamos nos produzindo. Pois, o enunciado é o que reafirma o discurso⁴, que é função de aparecimento e associação. Contudo, o sujeito deve ocupar um campo associado, condição para tornar essa verdade em signos e formas, como Michel Foucault (1986) acredita.

De tal forma, aprendemos a partir de encontros com signos, encontros promovidos no coletivo, como sugere Deleuze,

Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos. Quem sabe como um estudante pode tornar-se repentinamente “bom em latim”, que signos (amorosos ou até mesmo inconfessáveis) lhe serviriam de aprendizado? Nunca aprendemos alguma coisa nos dicionários que nossos professores e nossos pais nos emprestam. O signo implica em si a heterogeneidade como relação. Nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende (DELEUZE, 2010, p. 21).

Para Deleuze (2010), aprendizagem não se confere ao sujeito como centro desse aprendizado, mas nessas trocas, vivências, experiências e movimentos que produzem a subjetivação. Nesse movimento incessante em que os sujeitos estão sendo produzidos, onde trata-se destas relações enquanto processo inventivo.

Para Guattari (1998) subjetividade trata do social, da produção nestes encontros com o outro, nos atravessamentos e afetos nos quais estes indivíduos são expostos e ou são partícipes. São produções da ordem do provisório, constantes. Esses modos de ser e estar no mundo, tensionam e potencializam essa

⁴A noção de discurso é empregada por Michel Foucault na A arqueologia do saber com a seguinte ideia: “Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no, espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 1986, p. 43). Assim, Foucault (1986, p.43) compreende “o discurso como um conjunto de enunciados na medida em que eles provêm da mesma formação discursiva”.



inventividade da aprendizagem, se relacionam às forças do pensamento, que impulsionam o ato criativo. Pensar a aprendizagem vinculada a esses modos de subjetivação é de certa forma tensionar as produções de formas de vida, de existência, de organização social, consiste num permanente processo de reinvenção, sem regras, sem universalidade, sem obrigatoriedade, mutante e constante. Produções estéticas e políticas dos indivíduos que não se dissociam dos agenciamentos coletivos em dimensões microsociais, materiais e inconscientes. Tais como o ensino e aprendizagem, sob a perspectiva de Sílvia Gallo (2012) onde se pensa a aprendizagem partir da criação de problemas, onde o ser humano é forçado a pensar e desta forma põe a violentar o pensamento. Neste viés pensar na auto-criação baseada na potência da criação, que se engaja a vertente das possibilidades de distanciar-se das concepções sociais naturalizadas, a fim de romper com estereótipos e aceitação de ideias prontas.

Neste sentido fomos movimentando os encontros, para pensarmos as formas subjetivas possíveis entre os sujeitos, e articulando aquilo que se faz presente em seus cotidianos, porém são despercebidos em virtude destes consensos que se apoderam das relações estancando as problematizações acerca dos acontecimentos cotidianos.

CONCLUSÃO

Fomos conduzindo o trabalho a “seis mãos”, após grande esforço conseguimos que realizassem a proposta. Todas as operações que criamos foram percorrendo outros caminhos na produção de processos artísticos, fomos pensando e percebendo que as relações criadas foram provisórias. Talvez o campo das artes visuais nos possibilita tratar com essa abrangência, pois lidamos com situações diversas, passamos por aquele que não se comunicava por timidez, até aquele que não percebia necessidade em conversar ou indagar algo de nós ou do outro, logo não sentia necessidade de criar outras relações além daquelas que já existiam. Desta forma fomos encontrando brechas, permitindo vazios para que houvessem ressonâncias. E encerramos os encontros com certa satisfação, não apenas por ter



alcançado produções plásticas manuais, mas por percebermos e envolvermo-nos de tal forma a respeitar o espaço do outro, mesmo exercendo nossos papéis de professores, sujeitos com certo poder naquele determinado espaço.

Ao utilizarmos como disparadores os eventos ocorridos em nossa cidade, o que nos auxiliou a pensar e produzir os encontros, e ainda poder discutir as leis de proteção ambiental que protegem os patrimônios públicos. Este movimento possibilitou-nos a tratar de alguns conteúdos das disciplinas estabelecidos pelos Parâmetros Nacionais Curriculares Arte (PCN), tal como patrimônio público. Desta forma aliamos os conteúdos de arte, acerca das linguagens artísticas contemporâneas, com a história da arte, mais propriamente a arte rupestre e as questões de produções subjetivas, pensando e dialogando acerca do cenário sociocultural.

Pensar, perceber e movimentar essas relações de forma a criar “link” com as diferentes visualidades se fez potente, pois ampliou a abrangência do olhar que se produzia nestes sujeitos. Quiçá em sentido de proximidade essa afirmativa não tenha se produzido em um todo, o que tem como resultado positivo é o trato com que essas relações da ordem do provisório, que mesmo tangenciando o mínimo, já cumpre com o seu objetivo.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. V.3: O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Polêmica, política e problematização**. Entrevista disponibilizada em maio de 1984, na internet. Disponível em: http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/quintana/polemica_politica_problematiz.htm Acesso em 13 de fevereiro de 2013.

GALLO, Sílvio. **As múltiplas dimensões do aprender**. In: Anais do Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e currículo. Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2012.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34. 2000.



KASTRUP, Virginia. APRENDIZAGEM, ARTE E INVENÇÃO. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

MANSANO, Sonia Regina Vagas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, 8(2). 2009.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Entre o visto e o dito** - O estudo da cultura visual no campo da formação em Artes Visuais. Anais do CLEA e Confaeb, UFMG, 2009.

Lei Complementar Municipal disponível em:
https://www.santamaria.rs.gov.br/docs/leis/lc_034_plano_diretor.pdf
Acesso em: 03 de novembro de 2015.

Lei Nacional de Crime ambiental disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=lei+n%C2%BA+9.605%2F98+art.+65>

Acessado em: 03 de novembro de 2015.